

O fenômeno da pós-verdade:

Uma revisão de literatura sobre suas causas,
características e consequências

The phenomenon of post-truth:

A literature review on its causes, characteristics and
consequences

Por Carlos Alberto Ávila Araújo

Introdução

A expressão “pós-verdade” está definitivamente incluída no vocabulário cotidiano: na mídia, nas escolas, nos ambientes de trabalho, até mesmo nas conversas de família. Ela também tem se tornado cada vez mais presente na produção científica de várias áreas, em artigos de periódicos e congressos. Ela já vinha sendo usada há alguns anos, mas se tornou popular em 2016, quando foi escolhida “palavra do ano” pelo Dicionário Oxford e se tornou diretamente relacionada com dois fatos extremamente importantes para a política mundial – a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e a vitória do plano que prevê a saída do Reino Unido da União Europeia, conhecido pela sigla *brexít* (abreviatura de *Britain exit*).

Para alguns, o uso dessa expressão para designar o momento atual é algo inadequado, apenas um modismo, pois se trataria apenas de um novo nome para um fenômeno antigo, e seu uso estaria desconsiderando tudo o que já foi produzido e pensado sobre o assunto. Contudo, para aqueles efetivamente dedicados ao estudo do fenômeno, trata-se, sim, de um processo novo marcado por determinadas características específicas, que exigiria, portanto, categorias de análise próprias.

Outras vezes, a expressão é tomada como sinônimo de “informações falsas” (*fake news*). Mas elas não se equivalem. Como apontam Aparici e García Martín (2019, p. 9, tradução nossa),

“é fundamental a diferenciação entre os conceitos de pós-verdade e notícias falsas (*fake news*), dimensões que devem ser tomadas separadamente”.

Desfazer essas confusões é essencial, o que nos remete à busca por uma definição precisa do que vem a ser “pós-verdade”. Conforme Santaella (2019), o termo “pós-verdade” já havia sido usado por Steve Tesich em 1992, em sua análise sobre a Guerra do Golfo, e estava presente no título de um livro pela primeira vez na obra de Ralph Keyes publicada em 2004. Mas foi em 2016 que a expressão foi intensamente utilizada, a ponto de ser considerada a palavra do ano pelo Dicionário Oxford, designando as “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (SANTAELLA, 2019, p. 7). Essa definição envolve, contudo, uma série de aspectos e níveis de problemas, e vários pesquisadores, de diversas áreas e países, têm-se dedicado a estudar e correlacionar esses vários aspectos e níveis. O objetivo deste artigo é apresentar uma sistematização dos trabalhos desses autores, organizando os conhecimentos em três eixos: as causas do fenômeno, as suas características e algumas de suas consequências ou implicações. O trabalho se insere no âmbito de uma pesquisa de pós-doutorado realizado na Universidad de Salamanca, na Espanha, e, por esse motivo, privilegia o uso de autores espanhóis ou traduzidos na Espanha. Para a seleção dos livros e autores utilizados na discussão, foram consideradas a atualidade da discussão, o fato de serem trabalhos dedicados integralmente à questão da pós-verdade ou algum outro fenômeno diretamente ligado à pós-verdade, bem como a qualidade conceitual da discussão empreendida e seu ineditismo (ou seja, foram considerados autores que trataram pela primeira vez de um aspecto ou fenômeno).

As causas do fenômeno da pós-verdade

Aquilo que é hoje designado pela expressão “pós-verdade” tem relação com uma conjunção de diversos fatos ou fenômenos que já vinham acontecendo há décadas (ou que sempre acompanharam a humanidade, em alguns casos), mas que se relacionaram ou interagiram de uma determinada maneira somente nos últimos anos. Como colocado por McIntyre, a pós-verdade não surgiu antes, ela “esperou a tempestade perfeita que teria outros fatores como o viés partidário extremo e os ‘silos’ das redes sociais que surgiram no começo dos anos 2000” (McINTYRE, 2018, p. 68, tradução nossa).

McIntyre dedicou-se ao estudo dos fatores que conduziram à pós-verdade e apontou cinco, que aconteceram de maneira paralela. O primeiro desses fatores é o negacionismo científico. Trata-se de um fenômeno em que a autoridade da ciência passou a ser questionada por pessoas comuns, em um processo motivado por interesses econômicos de determinados grupos empresariais e corporativos. O marco de origem desse processo se deu na década de 1950, nos Estados Unidos, quando diversos estudos científicos começaram a associar o fumo ao câncer. Grupos empresariais da indústria do tabaco criaram, então, a Tobacco Industry Research Committee, com o objetivo de financiar “cientistas” que demonstrassem o contrário, que não havia evidências conclusivas dos males causados pelo fumo. O objetivo principal não era invalidar as conclusões dos cientistas de então, mas semear a dúvida junto ao público, gerar confusão. Em um estudo clássico sobre o assunto, Oreskes e Conway explicam que, para esse comitê, a dúvida era o seu produto. Os autores apontam que, daí em diante, a estratégia foi utilizada por vários atores empresariais e políticos em relação a outros temas como o inverno nuclear, a chuva ácida, o buraco na camada de Ozônio e o aquecimento global.

O segundo fator é o chamado viés cognitivo, ou viés de confirmação, ou dissonância cognitiva, do ser humano. Trata-se de uma tendência do ser humano a formar suas crenças e visões de mundo sem se basear na razão e nas evidências, isto é, nos fatos, em um esforço para evitar descontentamento psíquico. McIntyre aponta três estudos clássicos em psicologia social conduzidos nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960, que demonstraram essa questão. O primeiro deles é a teoria da dissonância cognitiva de Festinger, segundo a qual buscamos harmonia entre nossas crenças e ações. O segundo é a teoria da conformidade social de Asch, que postula que temos tendência a ceder à pressão social por nosso desejo de estar em harmonia com os outros. O terceiro é o estudo do viés de confirmação conduzido por Watson, que identificou nossa tendência a dar mais peso às informações que confirmam nossas crenças pré-existentes. O autor apresenta também estudos recentes sobre a questão, expressos em dois conceitos: efeito contraproducente (fenômeno em que a apresentação de uma informação verdadeira para uma pessoa, que entra em conflito com suas crenças em fatos falsos, faz com que a pessoa creia nesses fatos com mais força ainda) e o efeito Dunning-Kruger (fenômeno no qual nossa falta de capacidade para fazer algo faz com que superestimemos nossas habilidades reais). Tais elementos do viés cognitivo fazem com que as pessoas sejam propensas a formar suas crenças sem ter em conta a razão e as evidências.

O terceiro fator é a queda de importância dos meios de comunicação tradicionais. Tal fenômeno se verificou, em primeiro lugar, com a queda de atenção e acompanhamento, por parte das pessoas, aos meios de comunicação de massa, em detrimento do acompanhamento de notícias e informações por meio das redes sociais, em um fenômeno conhecido como desintermediação. A profusão de conteúdos baseados em opinião, muitas vezes de pessoas sem qualquer conhecimento do assunto, também está relacionada com esse processo. Em segundo lugar, com o surgimento e expansão da mídia partidária, sobretudo de extrema direita, menos preocupada com os fatos e mais focada no engajamento ideológico dos públicos por meio do emocional. E, em terceiro lugar, com a obsessão, por parte de alguns veículos de mídia, com um “ideal de objetividade” que levou a promover a falsa equivalência: “sugerir que dois pontos de vista têm igual valor, quando é óbvio que um deles está mais perto da verdade do que o outro. Estratégia usada para evitar acusações de viés partidário” (McINTYRE, 2019, p. 179, tradução nossa).

O quarto fator é o auge das redes sociais. As redes sociais se tornaram o ambiente privilegiado a partir do qual as pessoas recebem notícias e informações do mundo. E elas são construídas a partir de algoritmos que selecionam o que provavelmente as pessoas querem ou o que concorda com o ponto de vista delas, em um fenômeno conhecido como “efeito bolha”. Outra questão é a existência de redes sociais em que mensagens são disparadas em massa diretamente para os aparelhos das pessoas, sem que se possa monitorar ou se contrapor a elas, em uma lógica “subterrânea” de disseminação de informação.

Por fim, o quinto fator é a relativização da verdade promovida pelo pós-modernismo. O movimento pós-modernista desenvolveu-se ao longo do século XX como um movimento artístico, cultural e também filosófico. Entre suas características está o questionamento da ideia de existência de uma verdade absoluta, única: ou seja, não existiria uma resposta absolutamente correta sobre o que cada elemento da realidade significa. A denúncia de que qualquer declaração de verdade seria um ato autoritário, porque sempre ideológica, acabou sendo uma crítica sequestrada por movimentos políticos para dizer que tudo seria ideológico, e, portanto, não haveria “verdade”, apenas “fatos alternativos”.

Também Kakutani (2019) realizou uma análise dos fatores que conduziram ao fenômeno da pós-verdade. Alguns dos fatores apontados por ela coincidem com aqueles listados por McIntyre. Mas ela acrescenta outros como a queda ou desvalorização da razão (um certo desdém pela razão, a valorização da “sabedoria da turba”, isto é, das pessoas comuns, em detrimento dos

especialistas); as guerras culturais (desde a contracultura, a nova esquerda e o movimento pós-moderno, com uma apropriação populista por parte da extrema direita consagrando a ideia de subjetividade, acabando com a ideia de consenso) ; a cultura do narcisismo (“cultura do *moi*”, ideia de que todas as verdades seriam parciais); a própria desaparecimento da verdade (promovida por mentiras compulsivas ditas por líderes populistas e tidas como mais verdadeiras do que argumentos verdadeiros); déficit de atenção (pessoas que não leem os textos, mas apenas as notícias, não prestam atenção na autoria, dando força a informações apócrifas – o que favorece a atuação de *trolls*); as chamadas “mangueiras da falsidade” (campanhas de propaganda de ódio em massa mobilizando amplos grupos a agirem de maneira irracional).

As características da pós-verdade

Na avaliação de Santaella, a pós-verdade é basicamente estruturada por dois processos. O primeiro é a formação das “bolhas” ou “câmaras de eco”, nas quais os usuários ficam isolados, fechados a novas ideias, assuntos e informações importantes, sobretudo na política, e acabam se expondo “quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo” (SANTAELLA, 2019, p. 15). O segundo é a disseminação de notícias falsas. Embora isso não seja novidade na história da humanidade, o fato novo é a ausência de regulações como aquelas que incidem sobre as instituições jornalísticas, em uma lógica em que toda informação teria o mesmo peso ou valor, independentemente de sua qualidade, de sua checagem e do compromisso institucional por detrás de sua produção.

A pós-verdade se relaciona com uma gigantesca disseminação de informações falsas, que estão atuando para moldar a tomada de decisão das pessoas em diferentes esferas (na política, na economia, na educação, na saúde, na religião), em velocidade e quantidade nunca vistas. Mas não se encerra, aí, seu significado. O fenômeno novo é o fato de que, hoje, as pessoas em geral (exceto, claro, uma parcela da população mundial sem as condições econômicas para isso) têm acesso fácil e instantâneo a tecnologias e possibilidades de verificar a veracidade de uma informação por meio de *smartphones*, *notebooks*, *desktops* ou outros aparelhos. Diferentemente de outros períodos da história, em que seria difícil ou impossível checar se uma informação, por exemplo, sobre o modo de vida de um país distante era verdadeira ou falsa, atualmente, de casa e em poucos segundos, se pode checar. Mas as pessoas não fazem isso. Aceitam como real, repassam, compartilham e se apropriam de informações sem se preocuparem em verificar. É esse

desdém, esse desinteresse pela verdade, em uma realidade com tanto acesso à informação, que é o fato novo que a expressão “pós-verdade” busca abarcar.

Pós-verdade designa, pois, uma condição, um contexto no qual atitudes de desinteresse e mesmo desprezo pela verdade se naturalizam, se disseminam, se tornam cotidianos, normais, e até mesmo estimulados. É essa característica que permitiria falar-se em uma “cultura da pós-verdade”. Inicialmente, portanto, é preciso entender o que significa entender a pós-verdade como uma “cultura”. Naturalmente, há uma dimensão do fenômeno que é tecnológica. As tecnologias digitais mudaram de maneira decisiva a relação das pessoas com a informação. Entre essas mudanças, está a informação pervasiva, isto é, a informação enquanto processo presente em todas as nossas atividades, sejam elas profissionais, empresariais, culturais, educacionais, esportivas, médicas, amorosas, etc, de uma maneira ou em uma escala inédita, relacionada com aparelhos ou dispositivos tão diferentes como computadores, telefones celulares, casas, carros ou objetos, tendo relação inclusive com o surgimento da chamada internet das coisas. Ligado a isso está o fenômeno conhecido como *big data*, que se relaciona não apenas com a produção, em escala cada vez mais gigantesca, de informação, e com o impacto dessa informação na nossa vida, mas também com a própria maneira como a informação é produzida. Esse fenômeno se relaciona com o fato de que, cada vez mais, há conjuntos de dados gerados de maneira não intencional, não programada, pelas pessoas. Há ainda a própria lógica de funcionamento dos motores de busca e das redes sociais, utilizando determinados critérios e provocando certos efeitos (que serão analisados adiante). Todas essas são dimensões importantes relacionadas com o problema, isto é, que acabam atuando para a criação de um “ambiente propício para a proliferação de *fake news*, confusão, a falta de confiança” (SANTAELLA, 2019, p. 33).

Existem esses fatores, mas eles se aliam ao desinteresse pela verdade, desinteresse esse que existe, é aceito, é naturalizado, é estimulado, é reproduzido. Existe um processo de aceitação e replicação de conceitos que normalizam o desdém pela verdade. E é essa dimensão que significa que, em grande medida, a questão da pós-verdade é um problema humano, é um problema relacionado com mentalidades, atitudes, um *ethos*, uma cultura: a pós-verdade “é uma ideia, um imaginário, um conjunto de representações sociais ou sentidos já incorporados pelas audiências, a partir da qual é possível a existência das *fake news* que se referem a essa ideia afirmando ou ampliando” (MUROLO, 2019, p. 68, tradução nossa). Essa visão desloca a questão do nível individual – não são apenas decisões individuais, escolhas idiossincráticas, mas há, também, um

conjunto de práticas, hábitos, situações e falas que promove, direta ou indiretamente, uma determinada relação das pessoas com a informação e com a verdade.

Wilber (2018) é um pesquisador que analisa o fenômeno em um livro com o sugestivo título de “Trump e a pós-verdade”. Ele parte da eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos e da saída da Grã-Bretanha da União Europeia, dois fenômenos diretamente associados ao triunfo das informações falsas produzidas, disseminadas e consumidas em massa, que orientaram as decisões das pessoas em um determinado momento de votação, e os associa a outros, como a diminuição da valorização da democracia, o aumento do ódio, do racismo, da xenofobia, do mau gosto, entre outros. E com isso enquadra a pós-verdade dentro de um amplo processo de mudança de valores culturais no mundo – e principalmente nas sociedades ocidentais.

Wilber faz uma leitura abrangente dos valores e ideias em situação de liderança ou aceitação no mundo (o que denomina “vanguardas”). Ele identifica que, na primeira metade do século XX, o mundo era conduzido, nos diversos movimentos políticos, culturais, intelectuais, por valores associados ao racional, ao operacional, ao consciente, às ideias de mérito, lucro, progresso – isto é, diretamente relacionados com o ideal da modernidade. Em sua análise, ele considera que, após a década de 1960, estariam vigorando ideias associadas a valores pós-modernos tais como a defesa da pluralidade, do relativismo, da autorrealização, da inclusão, do multiculturalismo, dos direitos civis, da sustentabilidade, da defesa das minorias, entre outros. E, seguindo a análise, Wilber pontua que estaria ocorrendo, na segunda década do século XXI, uma crise desse projeto, um fracasso das vanguardas progressistas.

Wilber aponta vários fatores que teriam causado esse fracasso. Entre eles: a relativização da ideia de verdade, a ideia de que existiriam verdades locais, particulares, o que desembocou em uma forma de narcisismo generalizado; a incapacidade de assumir a perspectiva do outro; a perda do sentimento de empatia; o ódio contra os pontos de vista minoritários, conduzindo a visões essencialistas, com tendências ao racismo, ao patriarcado, à misoginia; e uma crise de legitimidade das instituições modernas - os direitos humanos, a razão, a ciência, a democracia.

Nessa mesma linha, mas em um foco mais específico, Keen (2008) identifica o que chama de “culto do amadorismo”, uma certa celebração de conteúdos amadores que acaba por anular a distinção entre o profissional e o amador, o que leva ao enfraquecimento de jornais, revistas, indústria musical, cinematográfica e jornalística, com conseqüente desaparecimento de padrões profissionais e filtros editoriais e o enaltecimento do plágio e da pirataria. Outra análise na mesma

linha é a de Frankfurt (2019), que identifica o predomínio do que chama de “conversa fiada”: uma forma de diálogo que, diferente do embuste e da mentira, representa um desrespeito à verdade, um desprezo, em formas de linguagem presunçosas, abusivas e enganadoras, discursos que buscam disfarçar a ignorância de quem os produz e enganar os que ouvem. O crescimento da “conversa fiada” na publicidade, na política e em diversos outros ambientes estaria promovendo um ceticismo em relação à verdade objetiva, na medida em que, diferentemente do mentiroso, que ainda tem a verdade como referência (ainda que para negá-la ou escondê-la), na conversa fiada a verdade se torna irrelevante.

Leituras semelhantes às de Wilber, Keen e Frankfurt são realizadas por outros pesquisadores que, contudo, enfatizam menos a questão cultural e mais a questão política. Nestes casos a leitura é menos sobre as pessoas que atuam de maneira espontânea para a exacerbação da pós-verdade e mais sobre os que atuam planejando, se aproveitando dessa situação. Nessas análises, a intensa circulação de informações falsas e o desinteresse das pessoas pela verdade se tornam um aspecto, um instrumento, de um fenômeno maior, de natureza política.

Ainda sobre as características da pós-verdade, há autores que buscam entender como se opera o seu funcionamento. Dissecando as estratégias da pós-verdade, Aparici e García Martín (2019) apresentam as seguintes manifestações do fenômeno:

- a) *clickbait*: inserção de títulos sensacionalistas para que os usuários acessem o conteúdo, com o objetivo de gerar tráfego e ter benefícios com publicidade (em português usa-se algumas vezes a tradução “caça-cliques”);
- b) conteúdo patrocinado: emissão de publicidade para parecer-se com conteúdo informativo;
- c) sátira: uso de conteúdos fictícios de paródia com intenção de que as pessoas tomem a informação como correta;
- d) conteúdo partidário: interpretações parciais da realidade mascaradas por aparência de neutralidade;
- e) teorias da conspiração: fundamentadas em histórias que tentam, de forma simples, explicar realidades complexas como resposta ao medo e à incerteza;
- f) pseudociência: negação de fatos cientificamente comprovados mediante interpretações parciais e interessadas;
- g) desinformação: mescla de fatos reais e conteúdo falso, como falsa atribuição de autoria ou imagem;

h) *fake news*: conteúdos inteiramente falsos e inventados, fabricados e propagados deliberadamente para enganar as pessoas com objetivos políticos e econômicos.

Os autores apontam ainda as principais estratégias da pós-verdade em termos de linguagem: uso de metonímia, manipulação de declarações, polarização por meio do estereótipo, descontextualização, saturação de conteúdo, modificação do significado de palavras, uso de frases feitas, apresentação de fatos aparentes, argumentos vazios e exagerados, omissão de fatos, adulação, agregados degradantes e opiniões diferentes segundo as circunstâncias. E destacam ainda um último fator, o que chamam de política-cyborg, isto é, o uso de robôs para automatização da circulação e popularização de determinadas informações, e, até mesmo, para a sua criação: “A difusão automatizada de conteúdos em redes sociais, mediante bots, especialmente no contexto de grandes eventos políticos e eleitorais, cada vez é mais frequente, e chegaram a ser um quinto das conversações registradas no Twitter nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos” (APARICI; GARCÍA MARTIN, 2019, p. 127).

Santaella (2019, p. 33) apresenta três grandes conjuntos de problemas em que se manifesta a pós-verdade: o conteúdo deliberadamente falso, as mensagens enganadoras que não são necessariamente falsas, e os memes que não são verdadeiros nem falsos, mas produzem impressões negativas ou incorretas. Ela aponta também outras condições de ocorrência do fenômeno, como o fato de as redes sociais provocarem mais efeito bolha do que os motores de busca, ou a importância da popularidade, sobre a qual estudos mostram que a informação falsa tem mais propensão a ser difundida do que a verdadeira. A atuação totalitária e empobrecedora da experiência dos indivíduos também foi constatada e caracterizada por Noble (2018).

As consequências da pós-verdade

As análises mais consistentes sobre o fenômeno da pós-verdade são as que a ligam a um determinado fenômeno político contemporâneo, associado ao enfraquecimento da democracia e à ascensão de líderes demagogos com tendências autoritárias que fazem uso constante de *fake news*, aproveitando-se do clima de desvalorização da verdade.

É o caso, por exemplo, da análise de Eatwell e Goodwin (2019) sobre o que chamam de fenômeno do “nacionalpopulismo”: a ascensão de líderes demagógicos que constroem sua popularidade com o uso de mentiras e apelos a emoções de ódio, medo e ressentimento junto a grupos que sentem que não são mais representados pelas elites políticas, econômicas e

intelectuais. Os autores identificam as quatro palavras-chave que explicam esse fenômeno: a desconfiança dos políticos e das instituições democráticas, o temor da destruição das comunidades e da identidade histórica, o medo da privação com a globalização e o desalinhamento entre os partidos tradicionais e o povo.

Na obra organizada por Geiselberger (2017), pesquisadores de vários países chamam o momento político atual de “o grande retrocesso”, verificando a ascensão de demagogos autoritários, a “desglobalização anárquica”, os movimentos identitários, a xenofobia e os crimes de ódio como protagonistas de um cenário em que grupos de extrema-direita estariam tomando o poder em diversos países. Outras leituras semelhantes são as de Casara (2019), que entende a era atual como “pós-democrática”, e Serrano Ojeda (2019), que a denomina “sociedade do desconhecimento”. Há também a definição dessas consequências como a instauração de um “regime de pós-verdade”, expressão defendida por Broncano (2019) para designar o momento atual, tomando de empréstimo a noção de “regime de verdade” em Foucault, isto é, o conjunto de conhecimentos, dispositivos, atores, normas que geram categorizações, enquadramentos e condicionantes para o pensamento e a ação dos sujeitos.

A eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos é muitas vezes tomada como acontecimento paradigmático dessa tendência, já que

O problema de Trump era duplo, por suas políticas e por sua personalidade. Era provável que seu nacionalismo econômico pioraria as coisas, em vez de melhorá-las para quem o apoiou, enquanto sua aberta preferência por homens fortes e autoritários, em detrimento dos aliados democráticos, prometia desestabilizar a ordem internacional. Com respeito a sua personalidade, era difícil imaginar alguém menos apropriado para ser presidente dos Estados Unidos. Ele carecia completamente das virtudes associadas à liderança (integridade, confiabilidade, bom juízo, devoção ao interesse público e uma conduta moral inquestionável) (FUKUYAMA, 2019, p. 12).

Para Fukuyama, Trump representa uma tendência geral da política internacional que ele denomina era do ressentimento. Conforme o autor, “outros líderes contemporâneos que podem ser incluídos nesta categoria são Vladimir Putin na Rússia, Recep Tayyip Erdogan na Turquia, Viktor Orbán na Hungria, Jaroslaw Kaczynski na Polônia e Rodrigo Duterte nas Filipinas” (FUKUYAMA, 2019, p. 12, tradução nossa). Eatwell e Goodwin (2019) acrescentam a essa lista o presidente eleito do Brasil, em 2018, Jair Bolsonaro.

Durante a campanha de Trump, houve jornais que se dedicaram a contar o número de mentiras que Trump havia dito em um dia: ‘Ontem foram 17, hoje já foram 15’. Um estudo sobre

isso realizado pelo site Politifact chegou a identificar a falsidade de cerca de 50% das suas afirmações (!) (WILBER, 2018, p. 44, tradução nossa). Diagnóstico semelhante é levantado por Kakutani:

Trump, o presidente número quarenta e cinco dos Estados Unidos, mente de um modo tão prolífico e a tal velocidade que The Washington Post calculou que durante o seu primeiro ano no cargo pode ter emitido 2140 declarações que continham falsidades ou equívocos: uma média de 5,9 por dia. Seus embustes sobre absolutamente tudo, desde a investigação sobre interferências russas na campanha eleitoral até o tempo em que ele mesmo passa em frente à televisão, não são mais do que o sinal vermelho que avisa seus constantes ataques às normas e instituições democráticas. Ataca sem cessar a imprensa, o sistema judicial e os funcionários que fazem com que o governo funcione” (KAKUTANI, 2019, p. 14, tradução nossa).

A autora destaca que o fato de um vilão como Trump, “narcisista, mentiroso, ignorante e cheio de preconceitos, rude, demagogo e com impulsos tirânicos” ter tido um apoio popular tão grande “só se explica pelo desgosto, pelo cansaço que existe sobre a questão da verdade” (KAKUTANI, 2019, p. 16, tradução nossa).

Na verdade, o sucesso de líderes autoritários e a emergência de formas de governo baseadas em disseminação em massa de informações falsas é tanto causa como consequência da pós-verdade, na medida em que criam um “ambiente perfeito para a proliferação de *Fake News* (notícias falsas – NF), motivada por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações. Quando a confusão e a falta de confiança nas fontes se instalam, as portas ficam abertas para que a desinformação tome o comando” (SANTAELLA, 2019, p. 33).

Entre as consequências perigosas da vigência do fenômeno da pós-verdade, Kakutani (2018) retoma os argumentos de Hannah Arendt, que defende que o sujeito ideal para um governo totalitário é aquele para quem a distinção entre fato e ficção, verdadeiro e falso, deixa de existir. Para ela, portanto, o perigo último da pós-verdade é a consolidação dos populismos e fundamentalismos, que, por meio da destruição da própria ideia de “verdade”, destroem também a democracia e impõem o medo e o ódio sobre o debate racional.

Considerações finais

Os pesquisadores que vêm estudando a pós-verdade, nos últimos anos, têm-se dedicado ao estudo de diferentes aspectos do fenômeno: as condições tecnológicas que o propiciaram, sua constituição como uma “cultura”, os fenômenos a ela associados (culto do amadorismo, negacionismo científico, efeito bolha, viés cognitivo), entre outros. Por ser um fenômeno muito

recente, que vem sendo estudado em diferentes disciplinas científicas, é difícil se ter mapeamentos de sua incidência na produção científica neste momento.

Contudo, uma preocupação das várias ciências que têm estudado a pós-verdade é, além de compreendê-la adequadamente, apontar estratégias para combater seus efeitos nocivos, ainda que tal discussão ainda seja incipiente. McIntyre (2019) aponta várias ações como denunciar e combater as informações falsas e as tentativas de obscurecer e criar confusão sobre as questões, o estímulo do pensamento crítico, e não supor que apenas “os outros” estejam sendo conduzidos por seus vieses de confirmação. Santaella (2019) menciona a ação de vários serviços de checagem e de educação contra as notícias falsas, bem como a promoção de um “uso inteligente, humano e razoável” (SANTAELLA, 2019, p. 24) das redes digitais. Ferrari (2018) propõe que é preciso que as pessoas conheçam a lógica de criação e funcionamento das bolhas ou câmaras de eco, que percebam que estão empobrecidas informacionalmente e que executem ações de furar os bloqueios da informação personalizada e da zona de conforto.

Em todas as propostas, explícitas ou implícitas, dos diferentes autores que têm estudado a pós-verdade, um ponto há em comum: a defesa de valores como a democracia, a inclusão, a diversidade, a sustentabilidade, a razão e a promoção de uma cultura da paz, valores estes que vêm sendo cada vez mais ameaçados pela proliferação da pós-verdade.

Carlos Alberto Ávila Araújo
Universidade Federal de Minas Gerais
Doutor em Ciência da Informação pela UFMG
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0993-1912>
Email: carlosaraujoufmg@gmail.com

Recebido em: 22 de maio de 2020.

Aprovado em: 22 de junho de 2020.

Referências:

APARICI, R.; GARCÍA-MARÍN, M. (Coords). **La posverdad**: una cartografía de los medios, las redes y la política. Barcelona: Gedisa, 2019.

BRONCANO, F. **Puntos ciegos**: ignorancia pública y conocimiento privado. Madrid: Lengua de Trapo, 2019.

CASARA, R. **A era pós-democrática**. Porto: Exclamação, 2019.

EATWELL, R.; GOODWIN, M. **Nacionalpopulismo**: por qué está triunfando y de qué forma es un reto para la democracia. Barcelona: Península, 2019.

FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: Educ; Armazém da Cultura, 2018.

FRANKFURT, H. **On bullshit**: sobre a conversa, o embuste e a mentira. Lisboa: Bookout, 2019.

FUKUYAMA, F. **Identidad**: la demanda de dignidad y las políticas de resentimiento. Barcelona: Deusto, 2019.

GEISELBERGER, H. (Ed.) **O grande retrocesso**. Lisboa: Objectiva, 2017.

KAKUTANI, M. **La muerte de la verdad**: notas sobre la falsedad en la era Trump. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2019.

KEEN, A. **O culto do amadorismo**. Lisboa: Guerra e Paz, 2008.

McINTYRE, L. **Posverdad**. Madrid: Cátedra, 2018.

MUROLO, L. La posverdad es mentira. Un aporte conceptual sobre fake news y periodismo. In: APARICI, R.; GARCÍA-MARÍN, M. (Coords). **La posverdad**: una cartografía de los medios, las redes y la política. Barcelona: Gedisa, 2019, p. 65-80.

NOBLE, S. U. **Algorithms of oppression**: how search engines reinforce racism. Nova Iorque: New York University Press, 2018.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SERRANO OCEJA, J. F. **La sociedad del desconocimiento**: comunicación posmoderna y transformación cultural. Madrid: Encuentro, 2019.

WILBER, K. **Trump y la posverdad**. Barcelona: Kairós, 2018.

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o fenômeno da pós-verdade, a partir de uma sistematização de trabalhos realizados por diferentes autores de diferentes ciências e países. Essa sistematização está estruturada da seguinte forma: primeiro, são apresentados alguns fatores relacionados com as causas que produziram o fenômeno; a seguir, são apresentadas algumas de suas características; ao final, são identificadas algumas de suas consequências ou implicações. Conclui-se que o fenômeno precisa ser compreendido além de sua dimensão tecnológica ou de ações individuais: ele precisa ser entendido como uma cultura, uma mentalidade, associada a outros fenômenos como o declínio da razão, da valorização da democracia, do multiculturalismo e o crescimento da cultura do ódio.

Palavras-chave: Pós-verdade. Notícias falsas. Nacionalpopulismo.

Abstract

The aim of this article is to analyze the phenomenon of post-truth, based on a systematization of works carried out by different authors from different sciences and countries. This systematization is structured as follows: first, some factors related to the causes that produced the phenomenon are presented; the following are some of its characteristics; in the end, some of its consequences or implications are identified. It is concluded that the phenomenon needs to be understood beyond its technological dimension or individual actions: it needs to be understood as a culture, a mentality, associated with other phenomena such as the decline of reason, the valorization of democracy, multiculturalism and growth of the culture of hate.

Keywords: Post-truth. Fake news. Nationalpopulism.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar el fenómeno de la posverdad, basado en una sistematización de trabajos realizados por diferentes autores de diferentes ciencias y países. Esta sistematización está estructurada de la siguiente manera: primero, se presentan algunos factores relacionados con las causas que produjeron el fenómeno; las siguientes son algunas de sus características; al final, se identifican algunas de sus consecuencias o implicaciones. Se concluye que el fenómeno debe entenderse más allá de su dimensión tecnológica o acciones individuales: debe entenderse como una cultura, una mentalidad, asociada con otros fenómenos como el declive de la razón, la valorización de la democracia, el multiculturalismo y el crecimiento de la cultura del odio.

Palabras clave: Posverdad. Informaciones falsas. Nacionalpopulismo.